

## EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E MEMÓRIAS DE ESCOLA: UM ESTUDO A PARTIR DE DEPOIMENTOS POSTADOS EM MEIO DIGITAL

Marita Martins **Redin** – UNISINOS

Beatriz T. Daudt **Fischer** – UNISINOS

Este trabalho refere-se à pesquisa envolvendo memórias de ex-alunos de uma escola cuja proposta pedagógica tinha como dimensão fundante *educar com arte*. A investigação nasceu a partir de três motivações básicas inter-relacionadas: da indignação diante de propostas pedagógicas para a infância, que se tem acompanhado através das experiências com supervisão de estágios; da paixão não só em preservar artefatos de outros tempos, como em acreditar na importância de retomar histórias passadas, evocadas pela memória; e, por fim, da convicção acerca da indispensável dimensão estética para poder fazer uma diferença no mundo e, em especial, nos processos educativos. Aqui argumenta-se em favor de que a experiência estética só é possível na escola quando esta proporciona um contexto curricular impregnado de *estesia*, considerando as crianças como efetivos atores sociais, sujeitos produtores de culturas - fundamentos que estavam presentes na escola à qual estes ex-alunos pertenceram.

O estudo buscou ancorar-se em alguns referenciais, como Benjamin (2002, 1995) que recorre ao valor da experiência e da memória para não se perder a historicidade, a humanidade, elementos cada vez mais enfraquecidos nas sociedades modernas. Também em Larrosa (2000, 2002), ressaltando o valor da experiência para uma nova educação menos dogmática e revestida de supostas verdades e aberta para outras possibilidades, para uma dimensão estética, a partir da experiência/sentido, concepção reforçada por autores como Meira (2003) que reflete sobre o sentido do sensível e de Duarte Junior (2001) que analisa a importância de uma educação fundamentada na *estesia*. Neste sentido, esta pesquisa investiga os efeitos de uma práxis criativa e estética presente em todo o currículo escolar e não simplesmente nas disciplinas designadas como arte ou educação artística. Tentando uma interlocução com a sociologia da infância, com a filosofia e a arte, buscou-se através das memórias de infância na escola, um reencontro com o infantil que nos atravessa a todos, como pensa Kohan (2004). O estudo também fundamenta-se em estudiosos da memória, como campo profícuo para aproximação da experiência, da vida cotidiana; entre eles o próprio filósofo Benjamin, e o fenomenólogo Bachelard (1988,1991) Também foram efetivadas aproximações com a história oral no intuito de compreender a dimensão labiríntica da memória (Stephanou e Bastos, 2005, Halbwachs (2004), Thomson (2002), entre outros.

O tema principal da pesquisa tem como foco a infância, sua relação com um tempo e espaço, sua significação na vida dimensionada pela *estesia*. Situa-se na busca da infância como experiência estética marcada pela cultura escolar, utilizando como suporte principal as memórias de um grupo de jovens, ex-alunos e alunas que freqüentaram o Centro Educacional Monteiro Lobato, em Viçosa, Minas Gerais, nas décadas de 80/90 do último século<sup>1</sup>.

Os questionamentos que ajudaram a nortear o percurso investigativo centraram-se basicamente nas seguintes interrogações: de que forma a proposta educativa de uma

---

<sup>1</sup> CENTRO EDUCACIONAL MONTEIRO LOBATO – CEMOL (Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série – 1985-1993), hoje COEDUCAR - COOPERATIVA EDUCACIONAL DE VIÇOSA (Educação Infantil e Ensino Fundamental da 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série- 1994 –atual).

escola, que carrega em sua nomenclatura “educar com arte”, subsiste nas memórias dos alunos e alunas que por ela passaram? Em que consistem essas memórias e de que forma podem ser restauradas através de narrativas, evidenciando uma infância escolar atravessada pela experiência estética? Se a escola é um espaço de produção do sujeito, e o currículo - nas suas diferentes formas de se constituir e se colocar em ação - permeia a vida das crianças, de que forma uma proposta e uma prática educativa de uma escola específica subsistem na memória dos alunos e alunas que por ela passaram? É possível resgatar memórias ligadas a imagens, fatos, resquícios de infância presentes nas narrativas desses jovens ex-alunos? Como fazer aproximações das formas de significação, das relações de sentido, que hoje, como jovens adultos, atribuem àquele cotidiano escolar?

No intuito de buscar tais respostas, foi percorrido um caminho através da comunicação digital, ou seja, por meio de recursos tecnológicos, prática diária dos jovens<sup>2</sup>. Para tanto foi necessário atualizar a memória, refazer quadros, desfazer clichês calcificados e abrir espaço para novos enredos nas narrativas desses sujeitos que passaram uma parte de suas vidas compartilhando um mesmo local, deixando se atravessar (ou não, ou em parte, ou até que ponto) por um projeto educativo. Em outras palavras, o que significou, e ainda significa, na vida dos jovens ex-alunos do Centro Educacional Monteiro Lobato/CEMOL<sup>3</sup>, as suas memórias tramadas com as memórias de seus outros. Ao longo da investigação, a linguagem, as palavras ditas e pensadas, sentidas e suspensas, “postadas” num espaço e tempo virtual puderam compor narrativas.

A partir das memórias, muitas vezes ancoradas em imagens e outros guardados (escritas, fotografias, desenhos das então crianças), procurou-se por dimensões presentes na formação de uma cultura infantil, bem como por processos de singularização desses sujeitos sociais, ou as formas de significação que constituíram a subjetividade estética durante o tempo em que permaneceram na escola. Importante assinalar que estética aqui é entendida como uma possibilidade de experiência, de infância, permeada de afetos que podem dar outro sentido aos acontecimentos pedagógicos. Nessa perspectiva a estética não se restringe ao campo da arte, mas alastra-se a todo um modo de pensar a realidade, de viver a vida e significá-la.

A estética é a criação contínua de conceitos para explorar o campo do sensível, do gosto, da imaginação, das paixões, das intuições, das emoções, exigindo uma competência sobre tais assuntos, quando se quer aplicá-los a um tema como o da arte. Fazer estética não é adaptar-se ao mundo como ele é, ou assimilar esse mundo com parâmetros impostos, ainda que liberais, libertadores, democráticos. É mostrar o que pode fazer sentido, o que põe em crise os significados e as práticas, através da reflexão sobre o imprevisível, o imponderável, o complexo e o incalculável (MEIRA, 2003, p.27).

---

<sup>2</sup> Para este texto foram mantidas as formas de grafia conforme postadas pelos sujeitos.

<sup>3</sup> É fundamental que se frise: na época em que estes jovens freqüentavam a referida escola - Centro Educacional Monteiro Lobato/CEMOL, esta instituição pretendia romper com a estrutura escolar instalada na modernidade. Sabe-se que, então, foi buscar na arte o suporte para o seu cotidiano.

Conforme já referido, foi a partir desta perspectiva que, nos idos 80/90 do século XX, estruturou-se uma proposta alternativa na referida escola. A criança foi encarada como foco principal, como protagonista, valorizada no seu tempo e espaço e não simplesmente como massa a ser trabalhada para se tornar um(a) aluno(a), um estudante, ou um futuro adulto competente <sup>4</sup>.

Entre os desafios metodológicos da investigação, destaca-se o de criar uma comunidade virtual. Mas, em seguida constatou-se que tal ferramenta já estava ao alcance dos ex-alunos desta escola. Eles já haviam criado uma comunidade virtual no Orkut, para falar de suas memórias de escola. Vários membros participam das conversas desta comunidade e assim, enquanto vão recordando eventos, personagens, coisas engraçadas, vão identificando pessoas, buscando imagens no passado e no presente, pessoas crescidas, no mercado de trabalho, ou ainda estudando *para ser alguém na vida*.

Para esta investigação, as principais fontes para coletar memórias dos jovens ex-alunos foram imbricadas em diferentes suportes digitais:

- Comunidade do orkut criada pelos próprios alunos e categorizada em tópicos por assuntos recorrentes dos seus interesses.
- Comunidade do orkut desta pesquisa, onde obteve-se dados sobre a escola em conversas com ex-alunos e ex-professores.
- Comunidade do orkut criada por ex-alunos, hoje estudantes do Curso de Arquitetura da Universidade Federal de VIÇOSA-MG com o objetivo de pesquisar “quais as melhores lembranças da escola” “quais os lugares que mais gostavam e que mais ou menos utilizavam”, buscando obter dados para a criação de um projeto de nova sede para a escola.
- Fotolog 1, criado em 14 de junho de 2005 e extinto em meados de abril de 2006, local onde foram disponibilizadas as primeiras fotos para comentários.
- Fotolog 2, criado em maio de 2006, onde até março de 2007 foram disponibilizadas fotos, desenhos e textos dos alunos das décadas de 80/90 ([www.fotolog.com/coeducar](http://www.fotolog.com/coeducar)).
- E-mails dos sujeitos cujos endereços eletrônicos foram disponibilizados nas comunidades do orkut e nos fotologs (16 sujeitos).

---

<sup>4</sup> Há projetos educativos espalhados pelo mundo que se definem nestas perspectivas. Em alguns países da Europa, como Itália, Dinamarca, realizam-se políticas e práticas pedagógicas que buscam um novo sentido para a educação das crianças. Consultar: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs). *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002. EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella. FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1999. DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Qualidade na educação da primeira infância-perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre, ARTMED, 2003.

No espaço virtual foram expostas imagens, fotografias da escola, materiais que haviam sido preservados ao longo do tempo. Disponibilizadas na Internet, estas provocações estavam ali para que por acaso, ou por indicação de outro internauta, os ex-alunos se deparassem com as imagens. O objetivo era o de despertar memórias, resgatar outras imagens ou acontecimentos relacionados com as fotografias da escola que faziam parte do acervo. Eis um exemplo:

14/06/2005 02:47

Bem Vindos (as) !!!

O que a memória amou fica eterno? Adélia Prado

Esta é uma proposta instigante que convida as pessoas ligadas, de alguma forma, ao CEMOL e a COEDUCAR a participarem de uma pesquisa diferente. Com o intuito de estimular a memória pessoal de cada um, colocarei regularmente imagens de alguns momentos vividos nesses espaços. As contribuições farão parte da elaboração de uma Tese de Doutorado em Educação, que tratará da constituição de memórias da infância sobre a vida na escola. Suas memórias serão preciosas para este trabalho.

Textos eletrônicos fogem à linearidade, à organização e à lógica dos conhecidos discursos e maneiras de operar sobre eles. Trata-se de outra lógica, “aberta, expandida e relacional”. Nesse novo suporte, a tela eletrônica, os textos, imagens, dados são móveis, abertos, com possibilidade de circular pelo mundo todo, permitindo a correspondência entre grupos, discussões temáticas com intervenções e comentários, de maneira que vai se criando uma nova modalidade de escrita e de leitura. Diz Chartier que “nesse sentido, a revolução das modalidades de produção e de transmissão dos textos é também uma mutação epistemológica fundamental” (2002, p.108).

Portanto, estamos vivendo em outros tempos e espaços onde uma nova epistemologia se faz necessária. Os humanos criam artefatos culturais que nem mesmo eles conseguem reconhecer. HILLI (2004, p. 14) considera que a “realidade virtual exemplifica uma ironia pós-moderna específica - ou pelo menos um paradoxo caracteristicamente moderno - revela uma crença não admitida em um híbrido que podemos chamar “empirismo mágico”. Essa espécie de empirismo mágico ao que o autor refere pode fazer parte da curiosidade das crianças e jovens que não possuem resistências para experimentar o novo, para apertar botões para ousar novas linguagens e principalmente, novas formas de escrita. Note-se o vocabulário utilizado nas trocas virtuais. Assim também parece bastante mágica a possibilidade de colocar imagens numa tela e enviá-las para lugares e tempos em que não se consegue controlar, receber ou não mensagens com dados que remetem também a tempos e espaços longínquos. É mais ou menos assim que os dados empíricos dessa pesquisa foram chegando. De diversos lugares, de passados, vividos ou imaginados, atravessados por interferências de outros, em redes, em tramas, em malhas, em cascatas, em rolos. Isso é muito diferente da materialidade que possuem os documentos impressos no papel. Livros amarelados, ou até mesmo as primeiras inscrições feitas nas paredes das cavernas, se mantém, corroídas, mas resistindo aos tempos. No caso dos meios digitais as operações transitam entre escrever, apagar, refazer, recortar, colar, deslocar o fim para o começo, o começo para o fim. As conversas na tela do computador possuem outra lógica e isso, efetivamente, deve ser considerado em pesquisas que se valem de tal forma de comunicação. Desde as primeiras trocas pode-se perceber que seria necessário operar com outras lógicas. Não

seria possível, por exemplo, pensar em começo, meio e fim, e nem as respostas estariam linearmente ligadas às perguntas como aconteceria numa entrevista temática ou obtendo respostas num questionário ou mesmo buscando traçar uma história de vida. Eram histórias sim, mas com outras narrativas.

Assim, nas vivências contornadas pela tela do computador, abrem-se janelas e mais janelas, fragmentos de escola misturados com a vida desses jovens lembrando tempos de criança. Falam da proposta. Sabiam que existia uma proposta, pois assim a categorizaram, a nomearam. Interessante destacar que, acompanhando os diálogos sobre a escola pesquisada, tanto na comunidade do orkut, como nas entrevistas via on-line, enredos foram desdobrados, rememorando acontecimentos. Interessante constatar que os depoimentos dos ex-alunos, suas memórias sobre os conhecimentos adquiridos nesse tempo-espaço, não se referem a problemas de matemática, a fatos históricos ou mesmo fórmulas químicas.

“Essa escola foi vida viva”, diz um dos ex-alunos, provavelmente com seus vinte e poucos anos. Assim, ao serem questionados sobre o que significou a escola, dizem:

- Essa vai para todos aqueles que passaram pelo CEMOL hj COEDUCAR, gostaria que falassem um pouquinho da experiencia de cada um por lá...inventa... essa escola foi vida viva... 15/07/2005 09:34

- É muito bom mesmo lembrar todos esses anos! kd a galera da minha turma?!

- E foi uma época incrível na minha vida. Até hoje eu sinto saudades de Viçosa, do Coeducar, dos amigos daí...

A primeira vista parece romântico, mas sem a poética que emoldura nosso ser fazer, o que nos resta? Memórias são sempre emolduradas com as intensidades vividas e, nas vivências contornadas pela tela do computador, abrem-se janelas e mais janelas, fragmentos de escola misturados com a vida desses jovens. Vejamos então:

Ahhh

Eu já saí de lá ha um tempão (saí em 99)

mas infelizmente a carga horária de aulas de artes diminuiu drasticamente (eu cheguei a ter só uma aula de artes por semana nos últimos anos que estudei lá) Mas ainda havia atividades legais, teatros, essas coisas, acho que faltou um pouco de direcionamento nas atividades artísticas. Mas sem dúvida ainda é a melhor escola de ensino fundamental de Viçosa...

O propósito consistia em coletar memórias remotas, ou seja, tentar saber o que a escola deixou de marcas nos primeiros anos de escolarização e um dos jovens diz: “Mesmo sendo aluno por pouco tempo nessa escola, ela me marcou muito e devo muito do que sou a ela!” 09/05/2005 19:0609/05/2005 19:06

Esses alunos e alunas mostram a escola como um lugar de memória, não só pelo seu aspecto físico, seus espaços e acontecimentos, mas também pela proposta, ou seja, pelo sentido implícito ou explícito do que se propunha ser.

Odeio a coeducar 07/06/2005 23:13  
Calmaaaa posso explicar...nesse colégio conheci meus melhores amigos...Vivi os melhores momentos da minha vida....Tive as melhores excursões...os melhores professores... lá era tudo de bom...  
Odeio esse colégio pq sempre q penso nele me da uma vontade loka d voltar ao passado e estudar lá...  
Odeio esse colégio pq foi nele q eu tive os melhores anos da minha vida... e eles não voltam mais, é tão triste isso...  
coeducar é o lugar.  
09/06/2005 07:03

O contato com as memórias do ex-alunos traz à tona um espírito de criação constante, expressa na diversidade de linguagens, na esteticidade dos acontecimentos pedagógicos em geral e não só artísticos. Garimpando tais memórias chega-se às imagens primeiras, mais densas de sensações memorialísticas, resguardadas pela “imaginação material” de Bachelard (1991). Nos labirintos da memória, as experiências são narradas com a linguagem das cores, sabores, odores, que se misturam numa simbiose prazerosa. A partir dos depoimentos explicitados pelos sujeitos da pesquisa, verificam-se dimensões significativas. Uma das principais memórias de Mônica, por exemplo, se refere ao contato com alguns materiais, assim como Paloma que, embora não lembre o nome do material usado, o compara a uma figura conhecida. Elas escrevem:

- Minhas lembranças da infância no COEDUCAR são mágicas, puras e encantadoras. Como era gostoso ser artista, se lambuzar na tinta e deixar nossas impressões num papel! O contato com a argila, sensação de estar amassando barro, em contato íntimo com a natureza, sem frescura e com liberdade. (MÔNICA, quinta-feira, 25 de outubro de 2007 22:21)
- Lembro das atividades que fazíamos (eu adorava uma coisa mole que eu achava que era parecido com nuvem pra pintar). (Paloma, sábado, 05 de novembro de 2007)

A que se refere Paloma? Ao postar no fotolog determinada imagem (crianças pintando), prontamente chegaram retornos. “A coisa mole” que ela achava parecido com nuvem, era o que chamávamos de “pintura a dedo”. Uma espécie de massa mole de farinha de trigo na qual acrescentávamos pigmentos, corantes. Era colocada sobre a mesa às colheradas e as crianças se deliciavam espalhando as cores por toda a mesa e muitas vezes pelo corpo. Essa é uma das atividades recorrentemente lembrada pelos alunos.

Pintando ou pintando-se?

Quem não lembra da sensação deliciosa de colocar as mãos na tinta, de sentir seu corpo se transformando em uma tela colorida? A famosa PINTURA A DEDO !!!

(fotolog, 29/06/2005 13:29)

As imagens avivam as memórias, lhes dão suporte, cutucam e logo aparecem os comentários:

-Uma das melhores lembranças que eu tenho da escola... Era uma delícia esses dias de pintura a dedo!!!

(fotolog, miosótis(29/06 23:42)

-Que saudades! Era muito bom!( fotolog, Dani, 01/07 08:21)

-Lembro como se fosse ontem... q triste! A mesa geladinha...O cheiro da tinta! Lembro do cheiro do meu avental de plástico qd começaram a pedir pra levar pra gente não se sujar taaanto...(Mas a gnt sempre dava um jeitinho:)

(fotolog, Carolina CEMOL 90-91-92 e COEDUCAR 96-2001, 25/11 00:54)

As memórias de escola e de infância desses ex-alunos podem apontar para uma constituição de um sujeito estético que se faz na e com a linguagem nas formas como foram descobrindo o mundo, dando sentido para ele e como o próprio mundo foi se apresentando para eles. E aí temos sempre a intervenção do humano, pois quem faz com que o mundo seja nomeado, representado é sempre um outro. Isso significa que as palavras, as representações simbólicas não são neutras, são sempre construções sociais, culturais que são ressignificadas pela memória e pela criação. *A mesa geladinha, o cheiro de tinta, o cheiro do avental de plástico...* são palavras que emanam dos objetos mas que são significadas na experiência com os mesmos, mediada pela linguagem do outro (adulto ou criança). *Era uma delícia esses dias de pintura a dedo!!!* A possibilidade de experenciar esteticamente essas linguagens, freqüentemente negligenciadas em outros espaços escolares, está ligada a uma proposta pedagógica, a uma prática “estética ligada à existência”, ao que Meira chama de “pedagogia do acontecimento” (2002, p.14); proposta que contém a idéia de uma infância protagonista, que tanto considera a criança em si como sujeito de desejos, sensações, idéias, curiosidade, como a “Infância” (Kennedy, 1999, p. 83). Possibilidade de descobrir dentro de nós uma irracionalidade, ou uma outra lógica que requer outras linguagens, onde os mistérios, ainda persistem ou, como Larrosa (2000, p.196) expressa sobre o encontro entre a adultez e a infância, como possibilidade de, ao invés de apropriar-se dela com verdades prontas, deixar emergir o enigma nela contido. Criamos os acontecimentos pedagógicos estéticos, mas não basta criar as condições se, como educadores adultos, marcados pela linguagem da racionalidade, não nos permitirmos quebrar paradigmas e buscar um reencontro com os enigmas suprimidos pela adultez. Liege e Tassiana (que não estavam diretamente incluídas como sujeitos da pesquisa) ao depararem-se com as imagens e comentários do ex-alunos no fotolog, também rememoram seus sentimentos como professoras aprendizes, deixando-se atravessar pela experiência e pela “infância” ou pela infância como “condição de ser afetado que nos acompanha a vida toda, aquela singularidade silenciada que não pode ser assimilada pelo sistema” (Kohan, 2003, p. 239).

- Eu, como professora, achava que pintura a dedo, apesar de essencial nas aprendizagens das crianças, dava muito trabalho para limpar depois. Eu gostava mesmo era de desenhar com giz-de-cera, possibilidade nunca vivida por mim antes de trabalhar no CEMOL. Lembro-me que ao observar o envolvimento das crianças com o desenho, comecei a desenhar também. Foi fantástico como a partir daí, comecei a ter um outro olhar para a natureza, os objetos e tudo o que estava à minha volta e que, simbolicamente, poderia estar no papel. Talvez, a criança tenha exatamente essa sensação ao ser incentivada a desenhar. (fotolog, Liege14/07 12:23)

- Uma delícia! Uma meleca! Ai, que morninho! Olha, o amarelo tá misturando com o vermelho...Que cor vai virar? Experiências essenciais para as crianças, e eu, como professora, ainda tão novinha nessa hora queria mais era voltar a ser criança ou me permitir curtir como criança essas sensações.. Sempre dava um jeitinho de também colocar a mão no grude! (fotolog, Tassiana 27/07 11:12).

Falar dessas linguagens reavivadas pelas memórias dos ex-alunos, sujeitos dessa investigação, significa, antes de tudo falar de expressão e também de criação/invenção. Para uma criança palavras e coisas, pessoas e formas se misturam. Vive o mundo plenamente, através de todos os sentidos, experimentando tudo sem a mediação da moral, diferentemente de nós adultos que nos acostumamos e nos enquadrados nos padrões impostos e por isso deixamos de lado o saber sensível, também é uma forma de linguagem. Pode brincar com tudo, pode ir de um lado para outro, pode trocar as coisas de lugar. Por isso inventa, faz-de-conta, ri, repete, em todos os sentidos. Quando risca, rabisca, repete traços, mistura cores, explora espaços nem sempre permitidos pelos adultos; quando canta, cantarola, inventa intervalos, brinca com pausa e espaços cheios, rima, espicha, encolhe os sons, as cores, as formas. Quando se movimenta, o faz em todos os sentidos. Portanto “as crianças são de soar e sabem de sabor e ocupam o espaço, com intensidade” (JODÁR, GÓMEZ, 2002, p.36). Quando “arruma” ou “desarruma” o mundo ao seu redor, o faz com a curiosidade primeira, com a intuição movida à imaginação, a que Bachelard refere. O autor fala numa “abertura para o mundo”, em “intuição do mundo”, e nos faz recordar que “as raízes da grandeza do mundo mergulham numa infância. O mundo começa, para o homem, por uma revolução de alma que muitas vezes remonta a uma infância” (BACHELARD, 1988 p.97).

Nesta perspectiva, Mônica, já citada anteriormente, posta depoimento escrevendo da liberdade e do prazer de explorar novas linguagens e fala de um processo experiencial que não supõe erros, censura, ou seja, um único e certo caminho:

(...) E assim era também na hora de inventar. Escrever uma estória, representar, fazer desenhos. Lembro de muitos desenhos. Lembro de um, que copiei da Maíra, que era um arco-íris que se formava dentro de uma espécie de palco de teatro, todo colorido. O que é que tem copiar? Eu achei bonito!



(e-mail, MÔNICA, quinta-feira, 25 de outubro de 2007 22:21)

Importante lembrar Meira, que defende uma proposta voltada para uma “pedagogia do acontecimento”, que leve a uma “prática estética ligada à existência” (p.14), o que não se restringe às aulas de arte, mas a toda uma postura e um fazer estético no cotidiano da escola, como situação pedagógica. Fala de uma prática de significação da experiência estética, onde antes de tudo está a vida, o ser vivo, ou seja, a criança

que naquele momento se dá como entrega, via sensível a nós, educadores/artistas/artesãos de vidas, a dialogar conosco por silêncios, detalhes, vestígios, signos que forçosamente temos que aprender a compreender, para fazer nossas propostas de ação e exposição“ (Meira, 2003, p. 65).

Retomando a pesquisa, os jovens pesquisados falam de um espaço transformado em lugar, em algo que de fato existe, mas que existe muito mais na memória e se corporifica através de objeto, matéria que se transformam em ícones. Não são as filas, provas, uniformes que marcaram sua passagem pela escola, mas elementos que remetem à vida, ao movimento, à ousadia. Suas memórias evidenciam não um lugar específico no currículo, um horário ou dia, um programa fechado para que as linguagens de maneira diversificada proliferassem. O processo constante de descoberta e invenção vai se configurando em várias narrativas, atravessando os espaços, infiltrando-se nos fazeres e saberes dessas memórias de escola. Não existe um lugar para arte. Pois afinal “todos os dias a gente fazia arte”, “a maioria das aulas eram de arte”. Afinal, a saudosa escola havia incorporado em sua nomenclatura “educar com arte”.

Todos os dias a gente fazia arte, desenhava, pintava, utilizando várias técnicas. Na 1ª série a Liege (professora) cantava com a gente todos os dias, tocava violão e a gente adorava. Recordo que a gente brincava com qualquer coisa, brinquedos, objetos, ou só com nós mesmos, inventávamos viagens, personagens, guerras... quanta imaginação! (e-mail, GLAUCIA quarta-feira, 8 de novembro de 2006 14:05)

Outra coisa que amava na escola eram as aulas de arte, na verdade acho que a maioria das aulas eram aulas de arte: fizemos muitos brinquedos com sucata e desenhos com as mais diversas técnicas, cozinhamos, cantamos e dançamos bastante. Lembro de uns biscoitinhos que fizemos para a páscoa uma vez, ficaram lindos. Depois decoramos os vidros para colocar, foi super divertido. (e-mail, TALITA, terça-feira, 9 de outubro de 2007 18:16)

Construindo com caixas vazias o projeto de um avião, utilizando os blocos de construção, que diariamente podiam ser transformados em pontes, cidades, caminhos, prédios, encenando cantigas populares, utilizando-se de recursos improvisados como chapéus, fitas e papel, ou deliciando-se em pintar as mãos e expandindo-se com o pincel

pelos braços para a realização de um “teatro com as mãos” - todas constituíam atividades processuais no cotidiano da referida escola<sup>5</sup>.

De fato, as escolas, ontem e hoje, em sua maioria, não estão convictas da importância fundamental de educar com arte. Filha da racionalidade moderna, herdeira da disciplina, dos conteúdos, dos métodos, a escola moderna, por mais que tenha vivido a época da infância como idade áurea, ao invés de libertar as linguagens infantis, aprisionou-as. Colocou-as em áreas de conhecimento, em matérias escolares, em suportes para ler o mundo, em artefatos culturais que restringiram ainda mais, as formas de expressão e conhecimento do mundo das crianças. O medo da criação parece estar ainda assombrando nossas escolas. As múltiplas linguagens podem escapar das suas fronteiras e se transformarem em leituras difíceis de serem lidas pelas cartilhas dos adultos.

Nesta pesquisa, acompanhando as memórias dos sujeitos pesquisados, suas histórias de vida na escola, foi possível cartografar percursos, constatando quais processos de criação emergiam, onde a diversidade, a multiplicidades de linguagens, onde a infância, a experiência estética se faziam presente, em tempos, lugares, atividades, acontecimentos pedagógicos. Clara pode resgatar essas atividades e as coloca num todo indissolúvel:

Atividades de arte não se separavam [das demais]. Lembro das atividades na sala. As histórias, as poesias, as rodas cantadas, os bloquinhos de madeira, a caminha de boneca... As pinturas com tinta, pintura a dedo, desenhos com nanquim, com água sanitária num papel azul (será isso mesmo) era uma mágica... Incrível... Os desenhos apareciam e depois de secos coloríamos com giz de cera. Fazíamos livros, exposições, cartazes...  
(CLARA FERRARI terça-feira, 9 de outubro de 2007 16:21)

Teve uma aula, numa tarde, que um grupo de crianças do qual eu fazia parte construiu uma cidade de sucata. Eu achei o máximo pois meu pai fazia, e faz, maquetes. Minha opção por arte hoje, com certeza teve a ver com estas aulas que nós tínhamos no Cemol (E-mail, André, nov/ 2007).

O conjunto de desenhos (preservados há mais de 20 anos e agora disponibilizados em forma digital para evocar memórias) simbolizam não só um produto, mas indicam também uma *ação desenhante*. Nas memórias dos ex-alunos o ato de desenhar aparece como algo do cotidiano, ação ligada à maioria dos fazeres da escola. Demonstram que não foi tempo perdido, “o que precisa ser potencializado por educadores que sabem que dar espaço para a invenção é mais do que simplesmente *deixar fazer* (Martins, 2007, p.148). Mais do que produtos, as memórias revelam processos, processos de trocas, de contato com materiais e idéias diversas, de liberdade de escolha, ou seja, de um protagonismo, que não era um privilégio individual, mas de uma coletividade escolar que buscava na infância uma maneira de ser, uma experiência rica de vida.

A multiplicidade de linguagens experienciadas - agora rememoradas - remete à estética, levando a refletir sobre a importância em dar sentido e significado ao ser/estar e agir no

---

<sup>5</sup> Nos procedimentos metodológicos da pesquisa, várias fotos destas atividades foram disponibilizadas digitalmente para evocar as memórias dos sujeitos.

mundo, e sobre os processos ou acontecimentos pedagógicos desse espaço escolar na alimentação da “infantia”, da infância dos ex-alunos. “Na feitura da linguagem da arte, do seu sistema sógnico, o homem leva ao extremo sua capacidade de inventar e ler signos com fins artísticos-estéticos”, diriam Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 41). Em outras palavras, através da arte o sujeito cria linguagens, visuais, musicais, cênicas, cinematográficas, entre outras, de forma singular, operando e manejando cores, formas, movimentos, sons, cheiros, fazendo com que o mundo seja expressado, contado, imaginado, evocado e, por que não, recriado.

Nesta perspectiva a pesquisa permite concluir que, se a linguagem possibilita descolamentos da realidade, permitindo que experiências correntes tenham um sentido singular, quanto mais diversificadas as linguagens, maiores são as possibilidades de criação. Estas dimensões integravam as crenças pedagógicas que norteavam a proposta da escola hoje rememorada. Assim, ao final da investigação, pode-se afirmar que tais idéias repercutem ainda hoje, de forma recorrente, nas reminiscências dos ex-alunos pesquisados. Em outras palavras, a dimensão estética revelou-se presente nas memórias, apontando que a *estesia* pode integrar todos os processos de conhecimento na escola, e não somente as atividades consideradas “de arte”. A multiplicidade de linguagens experienciadas esteticamente - e tão fortemente evocadas pelos sujeitos quase vinte anos depois de vivenciá-las - reafirma a importância de criar espaços na escola para o sentido e significado em ser/estar e agir no mundo, potencializando *infantia*. Considerando que os primeiros anos escolares da criança constituem momento de criação e de construção de significados, é fundamental uma postura educativa que privilegie a educação estética, como possibilidade de identificação e valorização das mais diferentes linguagens e experiências. Assim, a educação em todos os sentidos, mas principalmente nos espaços escolares, pode ser arauto de novas formas de pensar e viver, na medida em que valoriza e propicia o recriar, na medida em que propõe a *estesia* como elemento constituinte de propostas pedagógicas, rompendo com paradigmas firmados em conteúdos lineares, estanques, carentes de sentido.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**. Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BENJAMIN, Walter **Rua de mão única** - Obras escolhidas II. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COEDUCAR. Fotolog. Disponível em: <<http://www.fotolog.com/coeducar>>.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância-perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos - a educação (do) sensível**. Curitiba, Criar Edições, 2001.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HILLIS, Ken. **Sensações digitais**. Espaço, identidade e corporificações na realidade virtual. São Leopoldo-RS: Editora UNISINOS, 2004.

JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lucía. Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação e Realidade**, v.27, n.2, p.31-45, jul./dez.2002.

KENNEDY, David. Notas sobre a filosofia da infância e a política da subjetividade In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David (orgs.). **Filosofia e infância possibilidade de um encontro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. **Pedagogia profana – Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M.Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte - A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

\_\_\_\_\_. Trajetos de uma tromba de elefante. In: DORNELLES, Leni Vieira (org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEIRA, Marly. Arte-Educação: subjetividade, sociedade e política In: CUNHA, Susana Vieira Rangel. **Anais** do Simpósio Estadual de Arte-Educação: Arte-Educação e a construção do cotidiano. Porto Alegre: URCAMP/FAPERGS, 1995.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da criação – reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara(orgs) **Histórias e memórias da educação no Brasil- vol.III- século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.22, n.44, p.341-364, 2002.